

O CONCEITO DE FILOSOFIA EM KANT: *Uma tradução e um comentário**

*Adriano Perin
Joel Thiago Klein*

INTRODUÇÃO

No período tardio do seu pensamento Kant desenvolve o conceito de filosofia em quatro fragmentos. Tais fragmentos, que aqui apresentamos reunidos e traduzidos de forma inédita a partir dos originais alemães, foram escritos no final da década de 1790, por ocasião da publicação do livro *Prüfung der kantischen Religionsphilosophie in Hinsicht auf die ihr beygelegte Aehnlichkeit mit dem reinen Mystizism* de Reinhold Bernhard Jachmann em 1800. A obra, escrita

* Este trabalho é o resultado da confluência de um dos temas de nossas pesquisas desenvolvidas no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina sob a forma de doutoramento financiado pela CAPES. Além disso, este trabalho se vincula a um conjunto de pesquisas congregado pelo CIK (Centro de Investigações Kantianas). Agradecemos ao professor Christian Hamm pela meticulosa revisão e pelas sugestões da tradução. As citações dos textos de Kant são sempre feitas a partir da Edição da Academia – *Gesammelte Schriften*. Berlin: Walter de Gruyter, 1900 – (AA). As referências procedem do seguinte modo: sigla do texto (indicado respectivamente na bibliografia e em conformidade com o que foi estabelecido pela Academia), AA número do volume: número da página. Exclusivamente para a *Crítica da razão pura*, as citações seguem a indicação alfanumérica tradicional: “A” para a primeira edição e “B” para a segunda, sucedendo em cada caso o número da página. Email para contato: adrianoperin@yahoo.com.br e jthklein@yahoo.com.br.

por Jachmann a pedido de Kant e prefaciada por este, visa ser uma resposta à *Dissertatio philosophica de similitudine inter mysticismum purum et Kantianam religionis doctrinam* de autoria de Carl Arnold Wilmans no ano de 1797 em Halle. Jachmann, que Kant define na ocasião como “outrora meu ouvinte aplicado e atendo, agora meu estimado amigo”,¹ ingressou na universidade de Königsberg em 1783 como um estudante de direito, mas também estudou filosofia e teologia. Ele permaneceu na universidade como estudante quase onze anos e assistiu as aulas de Kant durante nove anos. Nesse período ele teria trabalhado como tutor e, de 1788 a 1794, servido a Kant como *amanuensis*.

O primeiro fragmento (AA 08: 439-441) consiste no texto que foi de fato publicado como prefácio do livro de Jachmann. Para sua tradução utiliza-se a versão editada pela *Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften* no volume VIII da *Kants Werke*. O segundo fragmento (AA 22: 370) foi escrito na metade de uma página do X fascículo do manuscrito inacabado que Kant trabalhava nos seus últimos anos e que é conhecido como *Opus postumum*. Para a tradução considera-se a versão da *Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften* no volume XXII da *Kants Werke*. O terceiro fragmento (AA 23: 467/468) foi localizado nos *Altpapier Monatsschrift* de 1899 do então existente *Prussia Museum* de Königsberg. A tradução segue a versão da *Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften* no volume XXIII da *Kants Werke*. O quarto fragmento foi encontrado em meados de 1960 por Dieter Henrich nos denominados ‘*Hagenschen Papiere*’. A tradução segue a edição por ele publicada com o título “*Zu Kants Begriff der Philosophie*”. In: KAULBACH, Friedrich; RITTER, Joachim (Eds.). *Kritik und Metaphysik* (Festschrift für Heinz Heimsoeth). Berlin: de Gruyter, 1966.

Os fragmentos em questão configuram-se de grande importância porque neles Kant apresenta a defesa e a especificidade do seu conceito de filosofia de forma sucinta e incisiva a partir dos pilares fundamentais da argumentação crítica. O comentário que procede a tradução procura justificar essa importância no que tange à diferença do conceito kantiano de filosofia em relação ao misticismo e à sua especificidade enquanto “doutrina da sabedoria”.

Os tradutores

Florianópolis, setembro de 2009.

I. TRADUÇÃO

A. Primeiro fragmento

VORREDE ZU REINHOLD BERNHARD JACHMANN'S PRÜFUNG DER KANTISCHEN RELIGIONSPHILOSOPHIE. [AA 08: 439-441].

Prospectus Zum Inliegenden Werk

Philosophie als Lehre einer Wissenschaft kann so wie jede andere Doctrin zu allerlei beliebigen Zwecken als Werkzeug dienen, hat aber in dieser Hinsicht nur einen *bedingten* Werth. - Wer dieses oder jenes Product beabsichtigt, muß so oder so dabei zu Werke gehen, und wenn man hiebei nach *Principien* verfährt, so wird sie auch eine *praktische* Philosophie heißen können und hat ihren Werth, wie jede andere Waare und Arbeit, womit Verkehr getrieben werden kann.

Aber Philosophie in buchstäblicher Bedeutung des Worts, als Weisheitslehre, hat einen *unbedingten* Werth; denn sie ist die Lehre vom *Endzweck* der menschlichen Vernunft, welcher nur ein einziger sein kann, dem alle andere Zwecke nachstehen oder untergeordnet werden müssen, und der vollendete *praktische* Philosoph (ein Ideal) ist der, welcher diese Forderung an ihm selbst erfüllt.

Ob nun Weisheit von oben herab dem Menschen (durch Inspiration) *eingegossen*, oder von unten hinauf durch innere Kraft seiner praktischen Vernunft *erklimmt* werde, das ist die Frage. Der, welcher das erstere als passives Erkenntnißmittel behauptet, denkt sich das Unding der Möglichkeit einer *übersinnlichen Erfahrung*, welches im geraden Widerspruch mit sich selbst ist, (das Transscendente als immanent vorzustellen) und fußt sich auf eine gewisse Geheimlehre, Mystik genannt, welche das gerade Gegentheil aller Philosophie ist und doch eben darin, daß sie es ist, (wie der Alchemist) den großen Fund setzt, aller Arbeit vernünftiger, aber mühsamer Naturforschung überhoben, sich im süßen Zustande des Genießens selig zu träumen. Diese Afterphilosophie auszutilgen, oder, wo sie sich regt, nicht aufkommen zu lassen, hat der Verfasser gegenwärtigen Werks, mein ehemaliger fleißiger und aufgeweckter Zuhörer, jetzt

sehr geschätzter Freund, in vorliegender Schrift mit gutem Erfolg beabsichtigt. Es hat dieselbe der Anpreisung meinerseits keinesweges bedurft, sondern ich wollte blos das Siegel der Freundschaft gegen den Verfasser zum immerwährenden Andenken diesem Buche beifügen.

Königsberg, den 14. Januar 1800

I. Kant

**PREFÁCIO AO EXAME DA FILOSOFIA KANTIANA DA RELIGIÃO DE
REINHOLD BERNHARD JACHMANN. [AA 08: 439-441].**

Prospecto ao trabalho que segue incluso

A *filosofia*, enquanto teoria de uma ciência, pode servir, assim como qualquer outra doutrina, como instrumento para qualquer fim desejado, mas com respeito a isso ela possui apenas um valor *condicionado* – Alguém que almeja este ou aquele produto deve ir trabalhar nisso ou naquilo e quando alguém procede nisso de acordo com *princípios*, então ela também pode ser chamada filosofia *prática* e possui o seu valor igual a qualquer outra mercadoria ou trabalho que pode ser negociado.

Mas filosofia no sentido literal do termo, enquanto doutrina da sabedoria, tem um valor *incondicionado*; porque ela é a teoria do *fim terminal* da razão humana, que pode ser apenas um, do qual todos os outros fins se derivam ou ao qual devem estar subordinados, e o perfeito filósofo *prático* (enquanto um ideal) é aquele que satisfaz em si mesmo essa exigência.

Agora, a questão é se a sabedoria é *infundida* na pessoa de cima para baixo (por inspiração), ou escalada de baixo para cima através da força interior da sua razão prática. Quem afirma a primeira como um meio de conhecimento passivo imagina o absurdo da possibilidade de uma *experiência supra-sensível*, que está em exata contradição consigo mesma, (representar o transcendente como imanente) e baseia-se em uma tal doutrina secreta chamada misticismo, o qual é o exato contrário de toda filosofia e justamente por ser isso, ele (como o alquimista) estabelece como a maior das descobertas que ele está dispensado de todo trabalho racional e

árduo das investigações da natureza, sonhando estar bem-aventuradamente num doce estado de fruição. Exterminar essa falsa filosofia, ou evitar que ela surja ao dar conta de si, é o que o autor do presente trabalho, outrora meu ouvinte aplicado e atento, agora meu estimado amigo, se propõe a fazer com bom êxito no presente trabalho. Não que o mesmo precise da minha recomendação, mas eu apenas gostaria de adicionar para eterna recordação o selo de minha amizade pelo autor deste livro.

Königsberg, I. Kant

14 de janeiro de 1800.

B. Segundo Fragmento

X CONVULUT, XIII (HALB) BOGEN, 2. SEITE. [AA 22: 370].

Philosophisches Erkenntnis als Vernunfterkentnis aus Begriffen unterscheidet sich seiner Form nach von jeder anderen Doctrin die zwar auch *a priori* aber auf reiner Anschauung gegründet ist und hat als Instrument verschiedener Künste und Wissenschaften nur einen *bedingten* Werth d.i. wenn man diesen oder jenen Gegenstand beabsichtigt (sich zum Zweck macht) so oder anders zu Werke gehen zu müssen.

Philosophie aber in der buchstäblichen Bedeutung des Worts (als Weisheitslehre) hat einen *unbedingten* Werth, denn sie ist die Doctrin von dem *Endzweck* der menschlichen Vernunft und ihre Imperativen enthalten ein absolutes sollen in sich daher sie auch geradezu den Zweck treffen. — Die Glückseligkeitslehre kann sich dieses Ansehens nicht rühmen denn sie enthält zwar Mittel zu Zwecken .

X FASCÍCULO, (METADE) DA FOLHA XIII, PÁGINA 2. [A A 22: 370].

O *conhecimento filosófico*, como conhecimento racional a partir de conceitos, se distingue na sua forma de qualquer outra doutrina que é também *a priori*, mas que foi fundamentada na intuição pura e que, como instrumento das diferentes artes e ciências, possui apenas um valor *condicionado*, quer dizer, quando se tem em vista (se estabelece para si como fim) este ou aquele objeto, se deve trabalhar desta ou daquela maneira.

Mas a *filosofia*, no sentido literal da palavra (como doutrina da sabedoria) tem um valor *incondicionado*, pois ela é a doutrina do *fim terminal* da razão humana e seus imperativos contêm em si um valor absoluto, por isso eles atingem o fim diretamente em si. A doutrina da felicidade não pode gabar-se de tal prestígio, pois ela contém meios para fins.

C. Terceiro Fragmento

LBL PRUSSIA MUSEUM ALTPR. MON. 36, 1899 (349-351) . [AA 23: 467/468].

Philosophie (in der eigentümlichen Bedeutung des Worts) als Weisheitslehre d. i. als einer Wissenschaft des Endzwecks der menschlichen Vernunft ist das gerade Widerspiel der Philosophie die man unter dem Titel der Mystik aufstellt und die Vernunft aber dadurch daß sie die Vernunft in einen Nebel hüllt Licht und Aufklärung in sie zu bringen sich anheischig macht. - Die Anmaßung statt eines Wissenschaftlichen Vernunftkenntnisses ein Princip innerer geistigen Anschauung und eines Gefühls von dem sich keine nähere Erörterung geben läßt aufzustellen. Mystik ist der antipodische Standpunkt der Philosophie in welchem die Weisheitslehre sich um eine Achse dreht die selbst einer solchen bedarf und für sich selbst nichts haltbares enthält.

Wir können durch nichts anders zum Erkenntnis des Endzwecks unseres Daseyns gelangen als durch die Vernunft deren Vorschrift Philosophie heißt denn dieses ist die Definition dieser Lehre. Aber nicht das was wir gelehret worden sondern was wir selbst hineingelegt haben und wenn es auch Eröffnung eines höchsten Geistes wäre nur durch das was die Philosophie eine menschliche Erkenntnis nicht können können wir das was wir zu wissen bedürfen uns erringen. Mystik ist das gerade Widerspiel der Philosophie.

Daß im Fortschreiten der menschlichen Vernunft die Philosophie aus der Nachforschung ihrer Principien endlich die Aufgabe von dem Urgrunde ihrer Verknüpfung den Cirkel ihrer Doctrin endlich in einem Unbedingten es sey Erfahrungsbegriff oder ein postuliertes *a priori* begründetes subjektives Princip schließen müsse war unvermeidlich.

Ein Princip des Übersinnlichen hierzu anzunehmen. - Von dem Realen was aber nicht Erfahrungsgegenstand seyn kann, mithin der Erscheinung auszugehen wäre nicht *philosophisch*: denn Philosophie in der eigentümlichen Bedeutung des Worts (als Weisheitslehre) ist die

Lehre vom Endzweck aller Vernunftsbestimmung, der der erweiterten Kenntnis seine Bestimmung entgegen sieht. Soll es aber dennoch Erfahrungslehre und dabey auch ein Princip des Überschwenklichen abgeben welches ein sich selbst schon im Begriffe widersprechendes Un-
ding seyn welches ein empirisches Erkenntnis dennoch zu einem von der Erfahrung und dem Sinneneinfluß zugleich unabhängigen machen würde anderwertsher eingegeben und dennoch von selbst gemacht: das Vermögen einer *Übersinnlichen Erfahrung*. - Eine solche Bastarterzeugung des Erkenntnisprincips ist es was unter dem Namen der Mystik genannt werden müssen welche den Nahmen einer *Geheimlehre (doctrina arcani)* bey sich führt woran sie wenigstens darin wohl thut nur wenige wie es den Adepten zukommt mit gleichem Unsinn anzustecken.

Diese *After Philosophie (lapis philosophorum)* wodurch man gleich als einen Zauberschlag auf einmal und ohne Mühe an Lebensweisheit reich wird nun außer Umlauf zu setzen und dem gesunden Menschenverstande sein Recht zu bewahren ist nun mein ehemaliger Zuhörer jetzt sehr wertgeschätzter Freund in diesem Werke mit wie ich nicht zweifle gutem Erfolg beflissen gewesen hat es Anpreisung keineswegs bedurft hat ich vielleicht aber der Aufmunterung eines Veterans in diesem Geschäfte durch Äußerung der Zufriedenheit mit dieser seiner Arbeit um ihn zu ähnlichen ferner aufzumuntern.

LBL PRUSSIA MUSEUM ALTPR. MON. 36, 1899 (349-351). [AA 23: 467/468].

Filosofia (no significado próprio da palavra), como doutrina da sabedoria, isto é, como uma ciência do fim terminal da razão humana, é o exato contrário da filosofia que se coloca sob o título de misticismo e que, por envolver a razão numa névoa, se oferece entretanto a trazer luz e esclarecimento para ela. – A presunção de estabelecer, ao invés de um conhecimento científico da razão, um princípio de uma intuição espiritual interna e de um sentimento do qual não se pode fazer qualquer abordagem pormenorizada. O misticismo é a perspectiva antípoda da filosofia, que necessita que a doutrina da sabedoria gire sobre um eixo que não contém nada de sólido para ela mesma.

Nós não podemos alcançar outro conhecimento do fim terminal da nossa existência a não ser através da razão, cujo preceito se chama filosofia, pois essa é a definição daquela doutrina. Mas não aquilo que nós fomos ensinados, senão aquilo que nós mesmos colocamos e, mesmo

que se tratasse da revelação de um espírito supremo somente por meio daquilo que a filosofia, um conhecimento humano, não pode, podemos conquistar para nós aquilo que precisamos saber. Misticismo é o exato contrário da filosofia.

Era inevitável que a filosofia, no progresso da razão humana, precisasse finalmente concluir a partir da indagação sobre seus princípios a tarefa do fundamento originário da sua ligação do círculo da sua doutrina em um incondicionado, seja ele um conceito da experiência ou um postulado princípio subjetivo fundado *a priori*.

Assumir um princípio do supra-sensível para isso. – Partir do real, o que contudo não pode ser objeto da experiência, portanto, dos fenômenos, não seria *filosófico*: pois a filosofia, no sentido próprio da palavra (como doutrina da sabedoria), é a doutrina do fim terminal de toda determinação da razão, o qual <i.e., o fim terminal> aguarda sua determinação do conhecimento ampliado. Caso forneça, mesmo assim, uma doutrina da experiência e, com ela, também de um princípio da exaltação, o que já é conceitualmente em si mesmo um absurdo contraditório e que, contudo, tornaria um conhecimento empírico em um conhecimento independente tanto da experiência, quanto da influência dos sentidos, portanto, algo dado de outra fonte e, todavia, produzido por si mesmo: a capacidade de uma *experiência supra-sensível*. –É tal produção bastarda do princípio de conhecimento a qual deve ser colocada sobre o nome de misticismo, o qual traz o nome de uma doutrina secreta (*doctrina arcani*), em que ele pelo menos faz bem no sentido de que, como convém aos adeptos, contagia apenas poucos com igual disparate.

Tirar de circulação esta *falsa filosofia (lapis philosophorum)*, através da qual se pretende alcançar, como num passe de mágica, a sabedoria da vida sem esforço e de uma única vez, e guardar o direito do são entendimento humano: foi isso o que o meu antigo ouvinte, agora meu muito estimado amigo, sem dúvida, conseguiu aplicadamente em sua obra; algo que não precisava de recomendação, mas talvez da animação de um veterano neste assunto, através da manifestação do contentamento com esse seu trabalho, para animá-lo para coisas semelhantes no futuro.

D. Quarto Fragmento

Ein weiterer Entwurf Kants zum Jachmannprospekt

Gefunden und herausgegeben von Dieter Henrich

[1] *Philosophisches Erkenntnis* (der Form nach) kann so wie jede anderer Doctrin zum Instrument (zu) gewissen Künsten und Wissenschaften dienen und hat nur einen bedingten Werth. Wen man diesen oder jenen Zweck beabsichtigt so muß man oder aber anders dabey zu Werke gehen, und eine jede dieser Geschicklichkeiten hat ihre Preis die wie jede andere Arbeit oder Waare [gegen einander] unter einander verkehrt werden kann.

Aber Philosophie (dem) im [eig. *buchstablichen*] (eigentlichen) Sinn (des Worts) genommen als Weisheitslehre hat einen unbedigten Werth denn sie ist die Lehre vom Endzweck der menschlichen Vernunft Das Sollen nach [ders.] ihrer Vorschrift zu leben und zu handeln ist unbedingt [*Der Philosoph* in dieser Hinsicht ist ein Ideal] und [das] Weisheit ist die Vorschrift die ihm zu erfüllen obliegt oder der er wenigstens nachstrebt.

Ob nun die Weisheit von Oben (durch *Insspiration*) zu uns herab* [(...) oder eingegossen] oder von unten hinauf [mühsam erklimmt werden müsse zu] steigen werde wenn man sich nur darum ernstlich bemüht das ist die Frage. – Die Philosophie behauptet das letztere von der Erde zu den Himmelschen (aufwärts) die Mystik das letztere vom Himmel zur Erde herab zu gehen.

Ob die *Philosophie* Eingebung (*inspiratio*) oder Naturforschung (*perscrutatio naturae*) ob der Philosoph den Leitfaden der Erkenntnis an dem was man weiß anknüpfen oder an dem Überschwenglichen anknüpfen solle an dem was unter uns zu Theil werden kann darüber kann gar nicht die Frage seyn Denn Vernunft (praktische) ist ihr eigener letzter [...] Zweck.

* Heteronomisch [oder zum] Himmel [hinauf] (herab oder) autonomisch (oder) durch den (selbsteigenen) Gebrauch der [eigenen] Vernunft [gebrauch] des Menschen zu erseufen oder selbsthäftig zu erringen sey [das ist die Ausgabe] mit anderen Worten ob Mystik oder Philosophie (Alchemie oder Arbeit) – davon kann nicht mehr die Frage seyn.

[2] Der Religionsglaube ist entweder Geschichtsglaube oder [Religionsglaube] (Vernunftglaube (reiner)) [Ein dritte würde der Eingebungs (...) glaupe seyn müssen der [unmittelbare]

Anschauung des übersinnlichen Subjects enthielte.]** Es fehlt nur noch der unmittelbare Erfahrungsglaube wenn er nicht einen Widerspruch in sich enthielte. – Doch auch dieses hat sich vorgefunden in einer überschwenklichen übersinnlichen Geistesgemeinschaft mit dem höchsten Wesen in einer Anschauung [der] und geistigen Gefühl Mystik genannt

O, Curas hominum, etc. etc.

** zum Behuf einer theoretischen Erkenntnis übersinnlicher Gegenstände.

Man kann hiedurch die Philosophie als *Wissenschaftslehre* [von der] welche zu allem Zwecken die Mittel herben zu schaffen geschick macht von der *Weisheitslehre* die den *Endzweck* der menschlichen Vernunft (das wonach er [trachte] zu trachten das einzige nothwendige ist, was er sich (schlechthin) zum Ziel machen soll) unterscheiden. Natur und Gnade

Was der Stein der Weisen [für] (die Alchemie) für den Chemiker ist das ist die Mystik.

Philosophie nicht als bloße Wissenschafts [lehre,] sondern als Weisheitslehre d. i. Als Wissenschaft des *Endzwecks* der Menschlichen Vernunft ist nie blos theoretisch sondern enthält Principien der practischen Vernunft schon in ihrem Begriffe und zwar solche die nicht (blos) technische sondern moralische practisch (nicht als Glückseeligkeitsanweisung [die...]) die nach Verschiedenheit der menschlichen Neigungen niemals allgemein gültig mithin immer nur bedingt sondern [wegen] Kraft der indirecten Schätzung unbedingt) gebietend sind. Dieses Buch bedürfte keiner Anpreisung

Unter allen [(Leitungs)] Mitteln Menschen ja selbst Volker ge... und geduldig beherrscht werden können ist der Glaube an unsichtbare Mächte welche nur gewissen Auserwählten zu Theil geworden [ist] und übersinnlich sind die Kräftigste.

Die Doctrin eines Wissenschaftlichen Vernunfterkennnisses ist eine solche welche auf Principien apriori gegründet ist und eine solche ist entweder (reine) Mathematik und reine Philosophie.

Mais um esboço de Kant ao prospecto de Jachmann

Encontrado e editado por Dieter Henrich

[1] Conhecimento filosófico (segundo a forma) pode servir, assim como qualquer outra doutrina, como instrumento para as artes e as ciências e tem apenas um valor condicionado. Quando se tem em vista este ou aquele fim, então se tem que proceder de forma distinta e cada uma dessas habilidades tem seu preço, a qual, como qualquer outro trabalho ou mercadoria [na sua relação], pode ser trocada uma pela outra.

Mas a filosofia, tomada como doutrina da sabedoria no sentido (próprio) [literal] (da palavra), tem um valor incondicional, pois ela é a doutrina do fim terminal da razão humana. O dever de viver e agir segundo sua [própria] prescrição é incondicionado [o filósofo nessa perspectiva é um ideal] e a sabedoria é a prescrição que ela o obriga a cumprir, ou, ao menos, aspirar.

Ora, a pergunta é esta, se a sabedoria vem de cima* para baixo (através de *inspiração*) [(...) ou infundida] ou se levanta de baixo para cima [ao precisar subir penosamente], contanto que se esforce seriamente para isso. – A filosofia afirma o último: subir da terra ao céu (para cima), o misticismo, o primeiro: descer do céu para a terra.

Se a *filosofia* é inspiração (*inspiratio*) ou investigação da natureza (*perscrutatio naturae*), se o filósofo deve ligar o fio condutor do conhecimento àquilo que se sabe ou ao transcendente àquilo que nos pode caber, sobre isso não pode ser a pergunta. Pois a razão (prática) é seu próprio [...] fim último.

* Deve ser alcançada ou por suspiros ou conquistada por si próprio, de modo heterônomo [ou ao] céu [para cima] (ou para baixo) (ou) de modo autônomo através do [uso] (propriamente seu) da [própria] razão do homem [esta é a tarefa], em outras palavras, se misticismo ou filosofia (Alquimia ou trabalho) – em relação a isso não pode mais ser a pergunta.

[2] A crença religiosa é ou crença histórica ou [crença religiosa] (crença racional (pura)) [uma terceira deveria ser a crença de inspiração (...), que precisaria conter a intuição [imediate] do sujeito supra-sensível.] **. Falta apenas ainda a crença imediata da experiência, se ela não contivesse em si mesma uma contradição. – Mas também isso foi encontrado, em uma comu-

nidade exaltada e supra-sensível do espírito com o ser supremo em uma intuição e sentimento espiritual chamado Misticismo

*O, Curas hominum, etc. etc.*²

**com o fim de um conhecimento teórico de objetos supra-sensíveis.

A partir disso, pode-se distinguir a filosofia como *doutrina da ciência*, a qual consegue produzir hábil e austeramente os meios para todos os fins, da filosofia enquanto *doutrina da sabedoria*, que considera o *fim terminal* da razão humana (ele é o único necessário a que se tem de aspirar e que se deve fazer (pura e simplesmente) como meta). Natureza e graça

Aquilo que é a pedra da sabedoria [para] (a Alquimia) para os químicos, isto é o misticismo.

A filosofia, não apenas enquanto [doutrina da] ciência, mas enquanto doutrina da sabedoria, isto é, como ciência do fim terminal da razão humana, jamais é apenas teórica, mas envolve já em seu conceito princípios da razão prática e, em verdade, tais que não são (apenas) técnicos, mas prático-morais (não como instrução para felicidade [a...], a qual, segundo a variedade das inclinações humanas, jamais vale universalmente, por conseguinte, sempre apenas condicionalmente, mas com valor incondicional [devido] à força da apreciação indireta). Este livro não precisaria de nenhuma recomendação.

Entre todos os meios de [(condução)] pelos quais os homens e até povos podem ser dominados pacientemente, o mais vigoroso é a crença em poderes invisíveis, os quais são supra-sensíveis e ocorreram apenas em favor de certos escolhidos.

A doutrina de um conhecimento científico da razão é fundada sobre princípios *a priori*, e tal doutrina é ou Matemática (pura) ou Filosofia pura.

² O verso completo é: *O curas hominum! O quantum est in rebus inane!* (“Oh! cuidados do homem! Oh! quanta futilidade há nas coisas humanas!” PÉRSIO [poeta romano, 24-62 d.C.]. *Sátiras* I, 1.).

II. COMENTÁRIO

A. *Filosofia versus Misticismo*

No texto *Conflito das faculdades*, de 1798, Kant toma uma atitude inédita e, dado seu espírito devoto à originalidade, até estranha: a publicação integral do texto de um dos seus contemporâneos. A estranheza aumenta com o fato de que o texto em questão tem por título “De uma pura mística da religião”, que lhe fora enviado em forma de carta por Carl Arnold Wilmans juntamente com uma dissertação cuja tese sustentava *A similaridade entre o misticismo puro e a doutrina kantiana da religião*.

O pretexto de estranheza precisa, contudo, ser pareado com a consideração de que Wilmans conhecia muito bem não só os principais elementos da filosofia de Kant, mas também a articulação sistemática dos mesmos. E ele se valeu justamente desse conhecimento para apresentar a conclusão de que os “escritos” de Kant encontram nos “místicos [...] a sua doutrina posta em prática quase a letra” e que “[...] estas pessoas [...] seriam verdadeiros kantianos se fossem filósofos”.³

A atitude de Kant se deve essencialmente à capacidade de Wilmans de apresentar e sistematizar os elementos da sua filosofia e não à conclusão extraída da mesma. Quanta a essa conclusão, Kant já alegaria em 1798: “[...] não estou disposto a admitir incondicionalmente a semelhança da minha concepção com a sua”.⁴ Outrossim, ele propriamente enviaria a Reinhold Bernard Jachmann a dissertação de Wilmans com o pedido de que aquele escrevesse uma resposta. Os fragmentos ao prefácio dessa resposta que aqui traduzimos compreendem, agora por parte de Kant, a apresentação e a sistematização da sua filosofia crítico-transcendental em contraposição ao misticismo.

O desenvolvimento da filosofia crítico-transcendental se encontra estreitamente ligado à compreensão a respeito daquilo que precisa ser o método filosófico. A filosofia, como um conhecimento racional a partir de conceitos, distingue-se da matemática, que se caracteriza como a doutrina que se fundamenta na intuição pura, isto é, enquanto que a filosofia é uma atividade de análise de conceitos dados *a priori*, o método da matemática é o de construção de conceitos

3 SF, AA 07: 74.

4 SF, AA 07: 69.

a priori nas formas puras do espaço e tempo. Entretanto, o verdadeiro antípoda da filosofia não é a matemática, pois ambas se integram no conjunto daquilo que Kant chama de conhecimento racional *a priori*, mas o misticismo. Deveras, não seria temerário afirmar que a filosofia crítica surge a partir da auto-compreensão sobre como deveria ser o método da filosofia e a partir da contraposição com aquilo que Kant chama de misticismo.⁵ Kant precisa realizar esse embate não apenas com relação à tradição filosófica, mas também e principalmente com relação ao modo de filosofar de seus contemporâneos e, inclusive, de alguns de seus supostos discípulos.

Como indicado nos fragmentos acima, a oposição entre filosofia e misticismo pode ser caracterizada como a oposição entre: investigação *versus* inspiração; uso público da razão *versus* doutrina secreta; trabalho *versus* alquimia; conquistar *versus* suspirar; esclarecimento *versus* morte da razão; natureza *versus* graça; movimento ascendente (da terra para o céu) *versus* movimento descendente (do céu para a terra). Esse embate ocorre seja no uso prático, seja no uso teórico da razão, isto é, essa oposição se desdobra desde a temática da fundamentação do conhecimento e da moralidade até os temas da filosofia da religião e da filosofia da história.

O núcleo comum das diversas caracterizações de misticismo é a tentativa de legitimar um conhecimento como objetivamente válido dos objetos em geral a partir de uma suposta intuição intelectual do supra-sensível, tanto no caso da filosofia teórica, quanto na filosofia prática. Com base nessa definição inicial, apresenta-se na seqüência as diversas teorias que Kant vincula a noção de misticismo.

No escrito *Sobre um enaltecido tom de distinção na filosofia*, Kant afirma que foi Platão o pai de toda exaltação [*Schwärmerei*] na filosofia, ainda que ele não tenha toda culpa, já que usou a capacidade de intuir Idéias para justificar a possibilidade de um conhecimento sintético *a priori* e não para ampliar esse conhecimento mediante àquela intuição,⁶ mas deixou aberto

5 Conforme garantido nas últimas palavras da *Crítica da razão prática*: “[...] pode em parte evitar-se a desorientação de um ajuizamento ainda *rude* e pouco exercitado e, em parte (o que é de longe mais necessário), *as extravagâncias do gênio*, pelas quais, como sói acontecer com os adeptos da pedra da sabedoria, sem nenhuma investigação metódica e nenhum conhecimento da natureza são prometidos tesouros sonhados e são dissipados tesouros verdadeiros. Em uma palavra, a ciência (buscada criticamente e introduzida metodicamente) é a porta estreita que conduz à *doutrina da sabedoria* [...]”. KpV, AA 05: 163.

6 Cf. VT, AA 08: 398.

esse caminho para seus sucessores. Também na *Crítica da razão pura*, Kant afirma que Platão reconheceu adequadamente que a razão possui uma necessidade muito maior do que soletrar fenômenos, entretanto, não se pode segui-lo “na dedução mística dessas idéias ou nos exageros pelos quais por assim dizer as hipostasiava, apesar da elevada linguagem de que se servia nesse campo prestar-se muito bem a uma interpretação mais moderada e adequada à natureza das coisas”.⁷ Ainda que Platão tenha reconhecido acertadamente que não conhecemos nos fenômenos como são as coisas em si mesmas, ele procurou justificar o conhecimento sintético *a priori* da matemática a partir de sua teoria da rememoração. Enquanto que ele se manteve nos limites dessa teoria, ainda não estava sendo exaltado, entretanto, quando pressupôs a existência de uma intuição intelectual, pela qual estamos em comunidade com a divindade, permitiu que a exaltação adentrasse na filosofia,⁸ pois, a partir daí, abriu-se caminho para que se falasse a respeito das coisas tal como são em si mesmas através de intuições intelectuais, ampliando-se supostamente nosso conhecimento da realidade.

Na reflexão 6041 encontra-se uma distinção do misticismo a partir dos seus diversos graus:

O grau mais alto de exaltação é aquele em que nós mesmos estamos em Deus e nele sentimos ou intuimos nossa existência. O segundo: que nós intuimos todas as coisas conforme a sua verdadeira natureza apenas em Deus, enquanto que ele é sua causa e suas idéias arquetipos. O terceiro: que nós não intuimos nada, mas que as alcançamos apenas através da derivação do seu conceito e, portanto, concluindo nossa existência e nossos conceitos racionais das coisas exatamente a partir da existência de Deus, na qual elas podem ter unicamente realidade objetiva. Agora, voltando do grau mais baixo até o mais alto: Espinosa.⁹

7 KrV, B371.

8 Cf. Refl, AA 18: 435. Considera-se também Refl 6065, AA 18: 437: “A origem de toda exaltação filosófica se encontra nas intuições divinas e originárias, com as quais Platão se referia a todos os objetos possíveis, isto é, as idéias, as quais nós intuimos unicamente através de seus fenômenos, portanto, apenas passivamente (Der Ursprung aller philosophischen Schwärmerey liegt in Platons ursprünglichen Göttlichen Anschauungen aller möglichen objecte, d.i. den Ideen, da wir nur sie durch ihre Erscheinungen anschauen, also nur passiv)”.

9 Refl 6041, AA 18: 431: “Der hochste Grad der Schwärmerey ist, daß wir selbst in Gott sind und [uns] in ihm unser Daseyn fühlen oder anschauen. Der zweyte: daß wir alle Dinge nach ihrer wahren Natur nur in Gott als ihrer Ursache und in seinen Ideen als Urbildern anschauen. Der dritte: daß wir sie gar nicht anschauen, aber doch sie nur von dem Begriffe desselben ableiten und also aus unserm Daseyn und unsern Vernunftbe-

Kant considera a filosofia de Espinosa como o grau mais alto de misticismo, pois ela defende que existe apenas um único ser, sendo que todo o resto se constitui como uma modificação dele.¹⁰ O espinosismo constitui uma metafísica dogmática e se apresenta como uma continuação da escola neoplatônica, podendo ser caracterizado como uma teosofia mística.¹¹ Também a filosofia de Leibniz é vista como mística na medida em que está de acordo com o Idealismo platônico,¹² assim também como o “idealismo místico e fantasista de Berkeley”¹³ que transforma todos os fenômenos em ilusão [*Schein*].¹⁴ Poder-se-ia dizer ainda que a filosofia de Leibniz e a de Berkeley seriam vistas como o segundo grau de misticismo, enquanto o terceiro grau seria a filosofia de Descartes, que procura derivar a realidade do mundo exterior a partir da certeza da existência de Deus.

Na *Crítica da razão prática*, o misticismo é caracterizado como aquela doutrina que transforma em esquema aquilo que deveria servir apenas como símbolo, ou seja, na medida em que procura orientar as ações humanas com base em intuições efetivas e não sensíveis sobre um invisível reino de Deus.¹⁵ Já na *Religião nos limites da simples razão* o misticismo é apresentado de uma forma muito próxima do contexto dos fragmentos acima traduzidos. Ali, aborda-se a questão de uma suposta influência mística advinda dos céus, a qual teria um influxo na disposição moral dos indivíduos, transformando-os em sujeitos morais. Trata-se aqui de uma crítica a teoria pietista da inspiração. Essa crença mística num poder oculto é vista como um “salto mortale da razão humana”.¹⁶

griffen von Dingen gerade auf die Existenz Gottes, in welchem sie allein objective Realitaet haben können, schließen. Nun zurück vom niedrigsten Grade zum höchsten: Spinoza”.

10 Kant argumenta contra o espinosismo em diversos textos da filosofia crítica como KpV, AA 05: 102; KU, AA 05: 393, 421 e 439.

11 Cf. Refl. 6050, AA 18: 435; Refl. 6055, AA 18: 439.

12 Cf. V-MP-L1/Pölitiz, AA 28: 102.

13 Cf. Prol, AA 04: 293.

14 Cf. KrV, B 70-71.

15 Cf. KpV, AA 05: 70-71.

16 RGV, AA 06: 121.

No contexto da filosofia da história, Kant precisa combater certas teorias que pressupõem a existência de um pressentimento ou de um dom divinatório, os quais permitiriam predizer o que irá acontecer na medida em que há a influência de um deus que se expressa ou através de sinais isolados, aparições intuitivas, ou através da própria ordem do cosmos, como no caso da astrologia. Na *Antropologia de um ponto de vista pragmático* lê-se que “todo pressentimento [*Ahndung*] é uma quimera, pois como se pode sentir aquilo que ainda não existe?”,¹⁷ ou ainda, Kant aponta para o quanto de absurdo existia na posição do profeta que nos tempos antigos pretendia interpretar os sinais divinos naquilo que se compreende como doença mental ou ataques epilépticos, tal como acontecia na antiguidade com a figura da Pítia.¹⁸ No *Conflito das faculdades*, Kant deixa claro que o único modo de se descrever os eventos que então devem acontecer, por conseguinte, fundar uma descrição *a priori* da história, é quando o próprio adivinho faz e organiza os eventos que previamente anuncia. É nesse sentido que se pode compreender como os antigos profetas judeus, os políticos e os eclesiásticos foram e continuam a ser felizes em suas predições,¹⁹ podendo-se a partir dessa desmistificação, criticá-los por suas atitudes.

Ainda que Kant não coloque a filosofia do sentimento moral sob a qualificação de misticismo, no escrito *Sobre um enaltecido tom em filosofia* ele os coloca juntos como estabelecendo certo tom enaltecido em filosofia, isto é, ambos estariam fazendo a filosofia depender de algo que não pode ser objetivamente comprovado, a saber, uma intuição intelectual no caso do misticismo, ou um sentimento de prazer ou desprazer no caso da filosofia do senso moral.²⁰ A partir do que Kant escreve nesse texto, parece que a teoria do senso moral conduziria ao misticismo, caso se levasse suas premissas às últimas conseqüências. Ou seja, se se quer fazer de algo que é meramente subjetivo, algo objetivo, em outras palavras, se se quer fundar uma teoria moral que tenha perspectiva universalista sob um sentimento, então precisa-se supor que existe uma certa comunicabilidade sobrenatural desse sentimento, por conseguinte, uma intuição mística.

17 Anth, AA 07: 187.

18 Anth, AA 07: 189.

19 SF, AA 07: 80.

20 Cf. VT, AA 08: 395.

Para Kant, “na exaltação o homem se ergue sobre a humanidade”,²¹ ou, pelo menos, tem essa pretensão, e o misticismo representa o “salto mortal da razão” e a “morte de toda filosofia”.²² Enquanto que a verdadeira filosofia se constitui como trabalho, o misticismo, enquanto falsa filosofia, constitui-se como uma doutrina secreta baseada na presunção de ter encontrado a pedra filosofal [*lapis philosophorum*]. Cabe agora investigar, sobre o que exatamente assenta essa ferrenha crítica kantiana ao que ele denomina misticismo e que atinge também a filosofia moral. Veja-se a seguinte passagem:

O princípio de querer filosofar por influência de um *sentimento* superior é feito sobretudo na maioria das vezes para o tom distinto; pois quem quer contestar meu sentimento? Ora, se posso ainda tornar plausível que este sentimento não seja meramente subjetivo em mim, mas possa ser exigido de cada um, por conseguinte também objetivamente e como elemento de conhecimento, que portanto não raciocine unicamente como conceito, mas que valha como intuição (concepção do próprio objeto): então estou em grande vantagem sobre todos aqueles que primeiro tem de se justificar para poderem se jactar com a verdade de suas asserções. Por isso, posso falar no tom de um senhor, que está dispensado do fardo de provar o título de sua posse (*beati possidentes*).²³

O filósofo da intuição fala sob autoridade própria e por isso não precisa prestar contas a ninguém.²⁴ Afinal, como se poderá argumentar conceitualmente que tal suposto filósofo não sente ou não intui o que afirma sentir e intuir? Ele não se coloca na igualdade civil que rege o fun-

21 Cf. Refl 5063, AA 18: 438: “Der Mensch erhebt sich in der Schwarmerey über der Menschheit”.

22 Cf. VT, AA 08: 398.

23 VT, AA 08: 400: “Das Princip, durch Einfluß eines höheren Gefühls philosophiren zu wollen, ist unter allen am meisten für den vornehmen Ton gemacht; denn wer will mir mein Gefühl streiten? Kann ich nun noch glaubhaft machen, daß dieses Gefühl nicht bloß subjectiv in mir sei, sondern einem Jeden angesonnen werden könne, mithin auch objectiv und als Erkenntnißstück, also nicht etwa bloß als Begriff vernünftelt, sondern als Anschauung (Auffassung des Gegenstandes selbst) gelte: so bin ich in großem Vortheil über alle die, welche sich allererst rechtfertigen müssen, um sich der Wahrheit ihrer Behauptungen berühen zu dürfen. Ich kann daher in dem Tone eines Gebieters sprechen, der der Beschwerde überhoben ist den Titel seines Besitzes zu beweisen (*beati possidentes*)”. Tradução modificada.

24 Cf. VT, AA 08: 390.

cionamento do uso público da razão, segundo o qual é preciso argumentar conceitualmente em favor da sua posição.²⁵ No escrito *O que significa orientar-se no pensamento* Kant afirma que esses presumidos gênios abandonam a suprema legislação da razão e se entregam a exaltação sentimentalista, chamada por eles de iluminação. Entretanto, com o passar do tempo os ensinamentos desses gênios tornam-se ambíguos e conflituosos, já que cada seguidor quer seguir também a sua presumida inspiração interior. Em pouco tempo, para que aqueles ensinamentos divinatórios não se percam, os membros dessa fraternidade precisam tornar as palavras ditas pelo gênio fundador em escritos obrigatórios e verdadeiros por si mesmos, por conseguinte, subordinam a razão àquilo que os presumidos gênios “intuíram”, isto é, subordinam a razão a fatos, fazendo surgir assim a superstição [*Aberglaube*].²⁶ Essa superstição também é o principal alvo das críticas kantianas tecidas no ensaio *Resposta à pergunta: que é esclarecimento?*, pois ela constitui os grilhões de toda menoridade, já que subordina a razão a preceitos e fórmulas, as quais são registradas no lema dos tutores do povo, a saber, “não raciocines! Diz o oficial: não raciocines mas faz exercícios! Diz o funcionário de finanças: não raciocines, paga! E o clérigo: não raciocines, acredita!”²⁷

Para Kant, apenas uma crítica da razão pura, isto é, uma avaliação e determinação dos princípios e limites de todo uso da razão pura, poderia afastar o perigo da exaltação sentimentalista e o misticismo da filosofia. Isso já é bastante claro no final do segundo prefácio a *Crítica da razão pura*. O que está no centro da disputa é uma das principais teses da filosofia crítica, a saber, que intuições e conceitos não são apenas representações quantitativamente distintas, mas qualitativamente diferentes, ou seja, elas não se distinguem por uma diferença a respeito do grau de clareza lógica, como afirmava Leibniz, mas elas possuem clarezas de espécies distintas, já que se originam de faculdades diferentes. Dessa forma, para Kant o critério da clareza lógica nem se aplica às intuições.²⁸ Enquanto que as intuições são singulares e imediatas, os conceitos são representações gerais e mediatas. Assim, a filosofia crítico-transcendental é construída em torno da argumentação de que o intelecto humano não intui, apenas pensa, por conseguinte, as únicas intuições que podemos ter são aquelas dadas na sensibilidade. Kant escreve várias vezes

25 Sobre o conceito de igualdade civil da razão ver KrV, A738/B766.

26 Cf. DO, AA 08: 145.

27 Cf. WA, AA 08: 36-37.

28 Cf. EE, AA 20: 226-227, nota.

que podemos *conceber a possibilidade* de um intelecto intuitivo, o qual teria intuições intelectuais, entretanto, só podemos dizer que se trataria de um intelecto divino e não de um intelecto humano. Não podemos sequer *compreender* como ele funcionaria, já que seu funcionamento seria completamente distinto de um intelecto que apenas pensa. De certa forma, um apanhado dessas considerações pode ser encontrado na reflexão 6052:

A causa da exaltação é a própria falta da crítica da razão; pois, se eu chego a partir das próprias forças até a origem das coisas no Um e também até as qualidades deste Um, então como chego a isso? 1. Através da análise dos meus conceitos? Então os conceitos deveriam estar originariamente em meu espírito. 2. Através da síntese das leis da experiência? Mas assim permaneço no mundo. 3. Através de princípios, que eu não tomo de nenhum dos dois? Dessa forma, isso precisaria ser uma intuição secreta do supra-sensível.²⁹

Outra tese fundamental da filosofia kantiana é a de que os sentimentos, como conteúdo da sensibilidade, são sempre de origem empírica e jamais constituem algo que possa fundamentar um conhecimento objetivo.³⁰ Logo, não podem ser comunicáveis entre as pessoas, ou seja, uma pessoa não pode saber se o que ela sente é o mesmo que a outra pessoa está sentindo, no máximo, pode-se dizer que parecem ser coisas semelhantes.

Portanto, para Kant, seja sobre o misticismo, seja sobre a filosofia do sentimento moral, não se pode fundar uma verdadeira filosofia; pois, no primeiro caso, defende-se algo absurdo, uma intuição intelectual, no segundo caso, algo que não pode servir de princípio para a filosofia, um sentimento.

29 Refl. 6052, AA 18: 438-439: "Die Ursache der Schwärmerey ist der Mangel der Critik der Vernunft selbst; denn, wenn ich aus eigenen Kräften bis zur Abstammung aller Dinge von Einem und auch zu den qualitaeten dieses Einen gelange, wie komme ich dazu? 1. Durch Zergliederung meiner Begriffe? Alsdenn müßte der Begriff mir ursprünglich inspirirt seyn. 2. Durch die synthesis der Erfahrungsgesetze? Aber da bleibe ich in der Welt. 3. Durch Grundsätze, die ich von keinem von beyden nehme? Diese müssen alsdenn geheime Anschauung des Übersinnlichen seyn."

30 Cf. MS, AA 06: 211: "chama-se, porém, sentimento à capacidade de sentir prazer ou desprazer perante uma representação, porque ambos contêm meramente o subjetivo em relação com a nossa representação, sem qualquer relação com o objeto em vista de um possível conhecimento do mesmo".

B. Filosofia enquanto “doutrina da sabedoria”

Seria a filosofia uma mercadoria, dotada de um preço, ou seria ela algo que possui estima, isto é, possui um valor em si mesma? Nos fragmentos aqui traduzidos Kant retoma uma distinção conceitual, já utilizada na *Fundamentação da metafísica dos costumes*, entre algo que tem um preço e algo que tem dignidade: “Quando uma coisa tem um preço, pode-se pôr em vez dela qualquer outra como *equivalente*; mas quando uma coisa está acima de todo preço, e portanto não permite equivalente, então tem ela dignidade”.³¹ Nesse sentido, algo que tem um preço possui um valor relativo, enquanto que algo que é digno, possui um valor íntimo. Para que algo seja digno, precisa ser um fim em si mesmo, ou seja, algo que não adquira valor em função de outra coisa. Essa noção de valor íntimo é também chamada por Kant de *Endzweck*, isto é, fim terminal. Assim, algo que constitui o fim terminal transcende a racionalidade econômica, que se baseia na possibilidade de troca de valores. Depreende-se, então, a definição de filosofia enquanto dotada de um valor incondicionado como “doutrina da sabedoria” ou “a teoria do fim terminal da razão humana”.³²

Poder-se-ia argumentar que Kant apresenta a definição de filosofia como “doutrina da sabedoria” atribuindo à filosofia teórica um valor condicionado, enquanto que a filosofia prática seria dotada de valor absoluto ou incondicionado. E esse é de fato o resultado que Dieter Henrich parece chegar com a sua consideração da argumentação de Kant, em especial o fragmento por ele encontrado.

Dieter Henrich toma por base de sua interpretação a passagem da *Crítica da razão prática* onde Kant define a liberdade como fecho da abóbada do seu sistema: “[...] o conceito de liberdade, na medida em que sua realidade é provada [*bewiesen ist*] por uma lei apodíctica da razão prática, constitui o *fecho da abóbada* [*Schlussstein*] de todo o edifício de um sistema da razão pura, mesmo da razão [teórica] especulativa”.³³

31 GMS, AA 06: 434.

32 VPKP, AA 08: 439.

33 KpV, AA 05: 3-4.

Segundo Henrich, “[a]o ser empregado para o conceito de sistema de Kant o discurso sobre a abóbada [*Gewölbe*] recebe prioridade”, sendo que “[a] meta do caminho da filosofia é o percurso no fundamento da razão, – esclarecimento da liberdade”.³⁴ Assim, Henrich entende que “[l]iberdade é para Kant o conceito que lhe permite esclarecer as conexões internas da razão”.³⁵ E isso porque “[s]e a liberdade sustenta a estrutura da razão, assim ela é também presente lá onde aparecem as pré-formas da verdade. E se a liberdade é a determinação do fim da razão, então ela já se faz sentir onde começa a compreensão [*Einsicht*]. O caminho do pensamento é o progresso para ela, e, igualmente, a partir dela e no seu interior”.³⁶

Henrich procura sustentar sua tese de que a filosofia prática é a que possui valor incondicionado e, então, que ela “recebe prioridade” ou “sustenta a estrutura da razão” no sistema kantiano a partir de uma tese mais elementar: “Kant deve ao seu encontro com Rousseau a compreensão [*Einsicht*] de que a razão e com ela a filosofia possui uma determinação prática”.³⁷ Essa segunda tese é desenvolvida em um de seus trabalhos mais recentes, no qual ele defende o valor incondicionado da filosofia enquanto filosofia prática em Kant a partir do texto do *Opus postumum*.

Henrich argumenta que “[...] o velho Kant, ao trabalhar em um manuscrito que jamais conseguiu terminar, o então chamado *Opus postumum*, definiu a filosofia como a teoria, primeiro, dos princípios do mundo inteligível; depois do mundo sensível; e, terceiro, do que concebe ambos em uma relação real – a saber, o sujeito como um ser racional neste mundo”.³⁸ Ao ver de Henrich, “é a teoria kantiana da liberdade que abre a perspectiva de uma avaliação da estrutura ontológica dos dois mundos para a teoria na atividade mental”.³⁹ E ele defende que Rousseau é um elemento determinante para Kant ter chegado a essa solução. Segundo Henrich, “[...] foi a

34 HENRICH (1966, pp. 58, 59).

35 *Ibidem*, p. 58.

36 *Ibidem*, p. 59.

37 *Ibidem*, p. 58.

38 HENRICH (2003, p. 52). A fim de dar conta de sua interpretação Henrich transcreve a estrutura do texto de Kant de modo diferente. O texto de Kant é o seguinte: “O ponto mais alto da filosofia transcendental no sistema das idéias de *Deus*, o mundo, e o sujeito que conecta ambos os Objetos, o ser pensante no mundo. *Deus*, o mundo, e o que une ambos em um sistema: o princípio pensante e inato do homem no mundo (*mens*). O homem como um ser no mundo, auto-limitado pela natureza e o *dever*”. OP, AA 21: 034.

39 *Ibidem*.

tentativa de Rousseau apresentar a filosofia moral em termos de uma relação entre a natureza ativa do sujeito e a natureza combinada da razão”.⁴⁰ No *Opus postumum* é dada, como “[...] resultado do encontro de Kant com esse tema rousseauiano [, ...] uma nova definição de filosofia: não mais sendo uma solução do problema da metafísica, a filosofia é agora a justificação da liberdade porque *isso* é o que importa na restauração dos direitos da humanidade”.⁴¹

Henrich extrai o lema da sua tese elementar de que o contato de Kant com Rousseau é o determinante para a justificação da filosofia enquanto “doutrina da sabedoria” como a filosofia prática – qual seja, “subordine tudo à liberdade” – de uma anotação pré-crítica de Kant às *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime* de 1764.⁴² Como coroamento desse lema, Henrich garante que, “[...] porque a liberdade é um tipo de causalidade, ela determina não apenas as leis que pertencem ao mundo inteligível, mas também as ações cujos efeitos são conhecidos no mundo sensível. Então nós não podemos falar sobre a liberdade a não ser que nós falamos sobre os mundos inteligível e sensível: a liberdade *pertence* ao mundo inteligível, mas tem *efeitos* no mundo sensível”.⁴³ A sua conclusão procede: “[...] a fórmula, originária de uma nota primitiva que Kant escreveu e [que é] operativa no *Opus postumum* – ‘subordine tudo a liberdade’ – se torna significativa logo que nós a situamos no contexto da teoria kantiana da liberdade. Isso nos permite dizer que a filosofia é a teoria do princípio do mundo inteligível, do princípio do mundo sensível, e o que conecta a ambas – a agência racional (razão *prática*)”.⁴⁴

Os motivos para discordar desta posição de Henrich, segundo a qual, para Kant, a filosofia prática se instituiria exclusivamente como “doutrina da sabedoria” e, por conseguinte, que esta última compreende a “justificação da liberdade” como princípio fundamental de todo o sistema, podem ser apresentados em dois grupos. Primeiro, cabe ponderar que em cada um dos quatro fragmentos aqui traduzidos Kant apresenta indícios a favor de um argumento que contrapõe a

40 *Ibidem*, p. 56.

41 *Ibidem*.

42 *Ibidem*, p. 57. Aqui também Henrich se vale de uma modificação do texto de Kant. Na referida anotação Kant escreve o seguinte: “Der freien Willkühr alles zu subordiniren ist die Größte Vollkommenheit” (“subordinar tudo ao livre arbítrio é a máxima perfeição”). Bem., AA 20: 144.

43 *Ibidem*, p. 58.

44 *Ibidem*, p. 59.

leitura de Henrich. Segundo, cabe reconstruir dois momentos da argumentação crítica – quais sejam, a apresentação da metáfora da liberdade como *fecho da abóbada* e a consideração crítico-regulativa do conceito de *fim terminal* implicado na definição de “doutrina da sabedoria” – a fim de garantir que eles também parecem não confirmar tal leitura.

Em todos os fragmentos acima traduzidos a argumentação de Kant é unânime na garantia de que a verdadeira definição de filosofia enquanto “doutrina da sabedoria” é a de que ela é a “doutrina do fim terminal da razão humana”. Outrossim, em cada um deles em específico são dados elementos que garantem que essa definição não se restringe à filosofia prática kantiana.

(i.) No fragmento publicado como prefácio do livro de Jachmann, Kant apresenta uma tríplice caracterização da filosofia: “teoria de uma ciência”, “filosofia prática”, “doutrina da sabedoria”. Nas duas primeiras acepções a filosofia possui apenas um valor condicionado. Enquanto “teoria de uma ciência” [...] pode servir, como qualquer outra doutrina, como um instrumento para qualquer fim desejado”.⁴⁵ Enquanto “filosofia prática”, entendida aqui no sentido de filosofia técnico-prática, [...] possui o seu valor igual a qualquer outra mercadoria ou trabalho que pode ser negociado”.⁴⁶ A essas acepções é contraposta a definição de filosofia enquanto “doutrina da sabedoria” que tem um valor incondicionado. Esta última definição é, então, contraposta à compreensão da filosofia como teoria de uma ciência ou código prático de procedimento que, na administração dos meios, é sempre condicionada ao tipo, valor ou conjuntura do que é tomado como fim. Mas, seria ela também contraposta à filosofia teórica de Kant? Caberia esta na acepção de “teoria de **uma** ciência” ou código de procedimento? Uma resposta negativa à segunda questão parece ser dada na própria caracterização crítica da filosofia teórica kantiana como ocupada com o modo *a priori* de conhecimento do sujeito e não com os objetos ou com os procedimentos que garantem o modo que os objetos determinam o sujeito. Com isso, uma

45 VPKP, AA 08: 439.

46 *Ibidem*. Segundo Kant, nessa acepção técnico-prática a filosofia “[...] nada mais [é] do que a teoria daquilo que pertence à natureza das coisas, apenas aliada ao modo como podem ser produzidas por nós segundo um princípio”. EE, AA 20: 196. Sendo que “[...] há um grande mal entendido, que é muito prejudicial para o modo de tratar a ciência, a respeito daquilo que deve ser tomado como *prático* numa significação tal que merece ser remetido à *filosofia prática*. Acreditou-se que a política e a economia política, as regras da economia doméstica, assim como as do comportamento, as prescrições de higiene e dietética, tanto da alma quanto do corpo (e por que não todos os ofícios e artes?) podiam ser incluídas na filosofia prática”. EE, AA 20: 195/196.

resposta negativa à primeira questão pode ser dada com a consideração de que a filosofia teórica é cogente para a própria garantia da definição de filosofia enquanto “doutrina da sabedoria” ou “teoria do fim terminal da razão humana”. Nesse fragmento Kant afirma que “[...] o perfeito filósofo prático (enquanto um ideal) é aquele que satisfaz em si mesmo essa exigência”.⁴⁷ A “perfeita filosofia prática”, ou a filosofia prática em sentido estrito, satisfaz em si mesma o que é requerido para uma “teoria do fim terminal da razão humana” apenas “enquanto um ideal”. Essa afirmação de Kant só é compreendida no contexto crítico-regulativo – a ser considerado no que segue – que garante a necessidade de uma consideração conforme a fins da legalidade teórica para a efetividade da “teoria do fim terminal da razão humana”.

(ii.) No fragmento escrito em uma folha do manuscrito do *Opus postumum*, Kant argumenta que o “conhecimento filosófico” ou a “filosofia, no sentido literal da palavra (como doutrina da sabedoria) [e que] tem um valor *incondicionado*”, é um “conhecimento racional a partir de conceitos, [que] se distingue daquela outra doutrina que é também *a priori*, mas que foi fundada na intuição pura e que, como instrumento das diferentes artes e ciências, possui apenas um valor *condicionado*”.⁴⁸ Vale dizer que essa contraposição entre a filosofia, enquanto doutrina de um conhecimento a partir de conceitos e que possui um valor *incondicionado*, e aquela outra doutrina – a matemática –, cujo conhecimento é estabelecido pela construção de conceitos na intuição pura e à qual é atribuído um valor apenas *condicionado*, é essencialmente garantida no domínio da filosofia teórica de Kant. Assim, Kant caracteriza todo o conhecimento filosófico, quer a partir dos conceitos puros do entendimento ou categorias quer a partir do conceito de liberdade, como dotado de um valor *incondicionado*.⁴⁹

47 VPKP, AA 08: 439.

48 OP, AA 22: 370. O contexto desse fragmento mostra que o “conceito de escola”, enquanto “[...] sistema dos conhecimentos filosóficos ou dos conhecimentos racionais a partir de conceitos”, e o “conceito de mundo”, enquanto “[...] ciência dos fins terminais da razão humana” não são excludentes. Trechos citados em Log, AA 09: 24. Quer dizer, “[a]inda que a filosofia seja representada simplesmente como *doutrina da sabedoria* (o que é também o seu verdadeiro significado), ela contudo não pode ser desconsiderada também como doutrina do *saber*, na medida em que esse conhecimento (teórico) contém os conceitos elementares dos quais faz uso a razão pura; ainda que isso ocorresse apenas para fazer ver à razão os seus limites”. VNAEF, AA 08: 421.

49 Ver, por exemplo, KU, AA 05: 171: “Se dividirmos a Filosofia, na medida em que esta contém princípios do conhecimento racional das coisas **mediante conceitos**, [...] em *teórica* e *prática* procedemos com total correção. [...]. Todavia, existem somente duas espécies de conceitos que precisamente permitem outros tantos

(iii.) No fragmento encontrado no Museu da Prússia em 1899, Kant é categórico em afirmar que “[...] a filosofia, no sentido próprio da palavra (como doutrina da sabedoria), é a doutrina dos fins terminais **de toda determinação da razão**”.⁵⁰ Ora, o projeto crítico-transcendental é justamente definido como “[...] uma determinação de todos os conhecimentos *a priori* que deve servir de medida e, portanto, de exemplo a toda certeza apodíctica (filosófica)”.⁵¹ A “sabedoria” da filosofia, nesse “sentido próprio da palavra”, é a “[...] a relação (de um conhecimento) com os fins essenciais da humanidade. Por conseguinte, determinação do homem segundo entendimento e vontade”.⁵² Em outras palavras, “sabedoria é a propriedade da mais perfeita razão de ser a relação teórica ou também a [relação] moral/prática”.⁵³ Os conceitos puros do entendimento consistem no “[...] modo de determinar um objeto para o diverso de uma intuição possível”.⁵⁴ A liberdade consiste na “[...] causalidade da razão na determinação da vontade”.⁵⁵ No “uso teórico” o entendimento ocupa-se com a determinação dos “[...] objetos da simples faculdade de conhecer” e, “[...] no uso prático [...] a razão ocupa-se com fundamentos determinantes da vontade”.⁵⁶

(iv.) No fragmento encontrado por Dieter Henrich, Kant assegura que “[a] filosofia, não apenas enquanto [doutrina] da ciência, mas enquanto doutrina da sabedoria, isto é, como ciência dos fins *terminais* da razão humana, jamais é apenas teórica, mas envolve já em seu conceito

princípios da possibilidade dos seus objetos. Referimo-nos aos *conceitos da natureza* e ao *conceito de liberdade*”. Negritos adicionados.

50 VN, AA 23: 468. Negrito adicionado.

51 KrV, A XV.

52 Refl 1652, AA 16: 66: “Man könnte Weltwissenschaft und Weltweisheit unterscheiden; die erste ist Gelehrsamkeit, die Zweyte Kentnis von der Bestimmung des Menschen* nach Verstand und Wille. [...] (g Mit andern worten. philosophische Wissenschaft (g Gelehrsamkeit) und philosophische Weisheit.) [...] * (g Weisheit ist die Beziehung (g einer Erkenntnis) zu den wesentlichen Zweken der Menschheit. Daher Bestimmung des Menschen nach Verstand und Willen. Der Naturkundige ist kein Philosoph.) [...]”.

53 OP, AA 21: 131.

54 KrV, A 253-254/B 309.

55 KrV, A 803/B831.

56 KpV, AA 05: 015.

princípios da razão prática”.⁵⁷ Da inclusivo-negativa “**jamais é apenas**” procede prontamente a inclusivo-afirmativa “**é também**”.

O momento crítico no qual Kant assegura que a liberdade, desde que provada pela lei moral, consiste no “fecho da abóbada” do sistema dos domínios teórico e prático da razão, é, sem dúvida, a égide de uma leitura que concebe a definição da filosofia enquanto “doutrina da sabedoria” como eminentemente garantida pela filosofia prática kantiana. Todavia, o que deve ser essencialmente considerado é que, no contexto desse momento, Kant está se referido ao fato de que a liberdade, na medida em que é pensada como possível no domínio teórico da razão e evidenciada ou estabelecida no domínio prático, por assim dizer, tangencia analiticamente ambos esses domínios. Então, a partir da conjuntura sistemática que a filosofia crítica chega na segunda metade da década de 1780, com a argumentação da *Crítica da razão prática*, não pode ser admitido que mediante o conceito de liberdade Kant estaria empreendendo um movimento sintético entre os domínios teórico e prático da razão, de modo a estabelecer este como fundamento daquele. Eis porque Kant é cuidadoso em escolher a metáfora: a liberdade não é descrita como “pilar fundamental” ou “raiz contígua” do sistema, mas como “fecho da abóbada” (*Schlussstein*). No texto tardio *Anúncio do término próximo de um tratado para paz perpétua na filosofia* de 1796 Kant precisa essa metáfora: a liberdade “[...] abre a perspectiva de uma paz perpétua entre os filósofos, através da impotência das provas teóricas do contrário, por um lado, e através da força dos fundamentos práticos da aceitação de seus princípios, por outro lado”.⁵⁸

Mas, por que então na especificidade da definição da filosofia tomada como “doutrina da sabedoria” são cogentes a filosofia teórica e a filosofia prática? Na resposta a essa questão cabe atentar para o que é peculiar da definição garantida como “doutrina do fim terminal da razão humana”, mais especificamente o que consiste o conceito de “fim terminal” implicado. Essa consideração é dada por Kant no contexto crítico-regulativo da *Crítica da faculdade do juízo*:

[o] efeito segundo o conceito de liberdade é o fim terminal [*Endzweck*]; o qual (ou a sua manifestação no mundo sensível [*Sinnenwelt*]) deve existir para o que se pressupõe a condição da possibilidade do mesmo na natureza (do sujeito como ser sensível, isto é,

57 Henrich (1966, p. 43).

58 VNAEF, AA 08: 493.

como ser humano). A faculdade do juízo que pressupõe *a priori* essa condição, sem tomar em consideração o elemento prático, dá o conceito mediador entre os conceitos de natureza e o conceito de liberdade que torna possível, no conceito de uma *conformidade a fins* da natureza, a passagem da razão pura teórica à razão pura prática, isto é, da conformidade a leis segundo a primeira para o fim terminal segundo aquele último conceito. Na verdade desse modo é conhecida a possibilidade do fim terminal, que apenas na natureza e com a concordância das suas leis se pode tornar efetivo.⁵⁹

Uma concepção de filosofia enquanto “doutrina do fim terminal da razão humana” implica aspectos teóricos e práticos porque a admissibilidade do “fim terminal”, agora especificado como efeito da legalidade prática da liberdade no mundo sensível, só é possível a partir da consideração conforme a fins da legalidade teórica da natureza. A faculdade do juízo permite que a natureza seja considerada de tal modo que o efeito do conceito prático de liberdade – ou mais precisamente, o fim colocado por sua lei – seja concorde com a sua legislação teórica.

Em uma palavra, no sistema crítico-transcendental kantiano a definição de filosofia enquanto “doutrina da sabedoria” não é dada no âmbito constitutivo de um dos domínios da razão apenas de modo a instituir a sua supremacia ou incondicionalidade sobre o outro domínio. A “doutrina da sabedoria” é a doutrina da razão como um todo: “[...] a filosofia n[esse] sentido é sim a ciência da relação de todo conhecimento e de todo uso da razão com o fim terminal [*Endzweck*] da razão humana, ao qual, enquanto fim supremo, todos os outros fins estão subordinados, e no qual estes têm que se reunir de modo a constituir uma unidade”.⁶⁰ A verdadeira filosofia possui dignidade, estima e valor incondicional na totalidade dos seus conhecimentos.

59 KU, AA 05: 196. Rohden e Marques traduzem “Sinnenwelt” por “mundo dos sentidos”.

60 Log, AA 09: 24.

RESUMO

Este trabalho concentra as tarefas de tradução e de reconstrução e defesa do conceito de filosofia conforme esboçado por Kant em quatro fragmentos do período tardio do seu pensamento. A primeira parte consiste na tradução dos fragmentos com a referência paralela ao texto original alemão. A segunda parte apresenta o conceito de filosofia como antípoda do misticismo e como “doutrina da sabedoria”. Chega-se a conclusão de que o conceito kantiano de filosofia é contraposto a uma concepção de filosofia que se funda numa intuição intelectual ou num sentimento, como o quer o misticismo, e, ainda, – em divergência com a posição de Dieter Henrich – que enquanto “doutrina da sabedoria” ele compreende tanto a filosofia teórica quanto a filosofia prática.

Palavras-chave: misticismo, doutrina da sabedoria, fim terminal, filosofia teórica, filosofia prática.

ABSTRACT

The paper holds the tasks of translating as well as of reconstructing and arguing for the concept of philosophy as it is sketched by Kant in four fragments late in his life. Initially, the translation of the fragments in reference to the original German text is carried out. Secondly, the concept of philosophy as the antipode of mysticism and as “doctrine of wisdom” is presented. The conclusion reached is that the Kantian concept of philosophy is opposed to a concept of philosophy grounded upon intellectual intuition or feeling, as in mysticism, and, moreover, – in disagreement with Dieter Henrich’s position – that as the “doctrine of wisdom” it embraces theoretical and practical philosophy.

Keywords: mysticism, doctrine of wisdom, final end, theoretical philosophy, practical philosophy.

Referências

KANT, Immanuel. *Kritik der reinen Vernunft* [KrV]. Hrsg. von Raymund Schmidt. Hamburg: Felix Meiner, 1993 (Philos. Bibliothek Bd. 37 a). Tradução da edição A de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1997. Tradução da edição B de Valerio Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Abril Cultural, 1991.

_____. Prolegomena zu einer jeden künftigen Metaphysik [Prol]. In: *Akademie-Textausgabe*, Bd. 04. Berlin: de Gruyter, 1968; Anmerkungen, Berlin/New York: de Gruyter, 1977. Tradução de Tania Maria Bernkopf. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

_____. Grundlegung zur Metaphysik der Sitten [GMS]. In: *Akademie-Textausgabe*, Bd. 06, Berlin: de Gruyter, 1968; Anmerkungen, Berlin/New York: de Gruyter, 1977. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 1960.

_____. Was heißt: Sich im Denken orientieren? [DO]. In: *Akademie-Textausgabe*, Bd. 08. Berlin: de Gruyter, 1968; Anmerkungen, Berlin/New York: de Gruyter, 1977. Tradução de Raimundo Vier e Floriano de Sousa Fernandes In: *Textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung? [WA]. In: *Akademie-Textausgabe*, Bd. 08. Berlin: de Gruyter, 1968; Anmerkungen, Berlin/New York: de Gruyter, 1977. Tradução de Raimundo Vier e Floriano de Sousa Fernandes In: *Textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. *Kritik der praktischen Vernunft* [KpV]. Hrsg. von Karl Vorländer. Hamburg: Felix Meiner, 1993 (Philos. Bibliothek Bd. 38 a). Tradução de Valerio Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. Erste Einleitung in die Kritik de Urteilskraft [EE]. In: *Gesammelte Schriften*, ed. Königlich Preußische Akademie der Wissenschaften. Bd. 20. Berlin und Leipzig: de Gruyter. 1971. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. In: *Duas introduções à Crítica do juízo*. São Paulo: Iluminuras, 1995.

_____. *Kritik der Urteilskraft* [KU]. Hrsg. von Karl Vorländer. Hamburg: Felix Meiner, 1993 (Philos. Bibliothek Bd. 39 a). Tradução de Valerio Rohden e Antonio Marques. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1995.

_____. Die Religion innerhalb der Grenzen der blossen Vernunft [RGV]. In: *Gesammelte Schriften*, ed. Königlich Preußische Akademie der Wissenschaften. Bd. 06. Berlin und Leipzig: de Gruyter. 1969. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1960.

_____. Die Metaphysik der Sitten [MS]. In: *Gesammelte Schriften*, ed. königlich preußische (später deutsche) Akademie der Wissenschaften. Bd. 06. Berlin und Leipzig: de Gruyter. 1969. Tradução de José Lamago. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

_____. Der Streit der Fakultäten [SF]. In: *Akademie-Textausgabe*, Bd. 07. Berlin: de Gruyter, 1972; Anmerkungen, Berlin/New York: de Gruyter, 1977. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1993.

_____. Anthropologie in pragmatischer Hinsicht [Anth]. In: *Akademie-Textausgabe*, Bd. 07. Berlin: de Gruyter, 1972; Anmerkungen, Berlin/New York: de Gruyter, 1977. Tradução de Clélia Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. Vorrede zu Reinhold Bernhard Jachmanns Prüfung der Kantischen Religionsphilosophie [VPKR]. In: *Gesammelte Schriften*, ed. Königlich Preußische Akademie der Wissenschaften. Bd. 08. Berlin und Leipzig: de Gruyter. 1969.

_____. Von einem neuerdings erhobenen vornehmen Ton in der Philosophie [VT]. In: *Gesammelte Schriften*, ed. Königlich Preußische Akademie der Wissenschaften. Bd. 08. Berlin und Leipzig: de Gruyter. 1969. Tradução de Valerio Rohden; não publicada.

_____. Verkündigung des nahen Abschlusses eines Tractats zum ewigen Frieden in der Philosophie [VNA-EF]. In: *Gesammelte Schriften*, ed. Königlich Preußische Akademie der Wissenschaften. Bd. 08. Berlin und Leipzig: de Gruyter. 1969. Tradução de Valerio Rohden. *Ethic@*. v 5, n. 2, p. 221-233, 2006.

_____. Logik: ein Handbuch zu Vorlesungen (hrsg. von G. B. Jäsche) [Log]. In: *Akademie-Textausgabe*. Bd. 09, Berlin: de Gruyter, 1968; Anmerkungen, Berlin/New York: de Gruyter, 1977. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

_____. Reflexionen zur Logik [Ref]. In: *Gesammelte Schriften*, ed. Königlich Preußische Akademie der Wissenschaften. Bd. 16. Berlin und Leipzig: de Gruyter. 1969.

_____. Reflexionen zur Metaphysik [Ref]. In: *Gesammelte Schriften*, ed. Königlich Preußische Akademie der Wissenschaften. Bde. 17/18. Berlin und Leipzig: de Gruyter. 1966.

_____. Bemerkungen zu den Beobachtungen über das Gefühl des Schönen und Erhabenen [Bem]. In: *Gesammelte Schriften*, ed. Königlich Preußische Akademie der Wissenschaften. Bd. 20. Berlin und Leipzig: de Gruyter. 1971.

_____. Opus postumum [OP]. In: *Gesammelte Schriften*, ed. Königlich Preußische Akademie der Wissenschaften. Bde. 21/22. Berlin und Leipzig: de Gruyter. 1995.

_____. Vorarbeiten und Nachträge [VN]. In: *Gesammelte Schriften*, ed. Königlich Preußische Akademie der Wissenschaften. Bd. 23. Berlin und Leipzig: de Gruyter. 1969.

_____. Vorlesungen über Logik [V-Lo]. In: *Gesammelte Schriften*, ed. Königlich Preußische Akademie der Wissenschaften. Bd. 24. Berlin und Leipzig: de Gruyter. 1966.

_____. Vorlesungen über Metaphysik [V-MP]. In: *Gesammelte Schriften*, ed. Königlich Preußische Akademie der Wissenschaften. Bde. 28/29. Berlin und Leipzig: de Gruyter. 1972.

HENRICH, Dieter. Zu Kants Begriff der Philosophie. In: KAULBACH, Friedrich; RITTER, Joachim (Eds.). *Kritik und Metaphysik* (Festschrift für Heinz Heimsoeth), Berlin: de Gruyter, 1966. pp. 40-59.

_____. *Between Kant and Hegel: Lectures on German Idealism*. PACINI, David S. (Ed.). Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003.

Recebido em 10/2009

Aprovado em 02/2010